

DISCURSO E RELAÇÕES RACIAIS EM LIVROS DIDÁTICOS¹

Paulo Vinicius Baptista da Silva²

RESUMO: O artigo apresenta uma síntese de pesquisas sobre relações raciais em livros didáticos realizadas no âmbito do projeto Discurso e relações raciais. As diferentes pesquisas analisaram livros didáticos de ensino fundamental e ensino médio de diversas disciplinas, história, língua portuguesa, geografia, artes, matemática, ensino religioso, ciências, língua inglesa e educação física. A síntese de resultados aponta que a normatividade branca foi captada na maioria das análises e a associação de pessoas brancas com superioridade e pessoas negras com inferioridade esteve presente nos diversos estudos. Todos os estudos também apontaram a sub representação de pessoas negras (Nascimento, 2009; Junia, 2010; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Santos, 2012; Souza, 2015; Dambros, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020; Souza, 2021). O silenciamento de conteúdos relativos ao continente africano e aos povos africanos da diáspora, como também sobre de Educação e Relações Étnico-Raciais, foi captada em quase todos os estudos. Pesquisas que escutaram estudantes revelaram que as e os estudantes de ensino fundamental e médio tem percepção de que os livros didáticos trazem hierarquias raciais e relacionam pessoas brancas poder, reconhecimento e valorização (Oniesko, 2018; Silva, 2019; Souza, 2021; Teixeira, 2021), ao passo que pessoas negras são relegadas nos discursos dos livros à subalternidade, tratadas de forma estereotipada e relacionadas com a escravidão.

Palavras-chave: racismo; livros didáticos; discurso; normatividade branca; educação das relações étnico-raciais.

DISCOURSE AND RACIAL RELATIONS IN TEXTBOOKS

ABSTRACT: The article presents a synthesis of research on race relations in textbooks carried out within the scope of the Discourse and race relations project. The different researches analyzed elementary and high school textbooks of different subjects, history, Portuguese language, geography, arts, mathematics, religious education, science, English language and physical education. The synthesis of results shows that white normativity was captured in most analyzes and the association of white people with superiority and black people with inferiority was present in the various studies. All studies also pointed to the underrepresentation of black people (Nascimento, 2009; Junia, 2010; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Santos, 2012; Souza, 2015; Dambros, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020; Souza, 2021). The silencing of content related to the African continent and the African peoples of the diaspora, as well as Education and Ethnic-Racial Relations, was captured in almost all studies. Research that listened to students revealed that elementary and high school students perceive that textbooks bring racial hierarchies and relate white people to power, recognition and appreciation (Oniesko, 2018; Silva, 2019; Souza, 2021; Teixeira, 2021), while black people are relegated in the discourses of the books to subalternity, treated in a stereotyped way and related to slavery.

¹ Financiado pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná (Chamada Pública n. 23/2012), pelo CNPQ e pelas CAPES.

² Pesquisador do CNPQ, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná. E-mail pauloviniufpr@gmail.com

Keywords: racism; textbooks; discourse; white normativity; education of ethnic-racial relations.

DISCOURS ET RELATIONS RACIALES DANS LES MANUELS SCOLAIRES

RÉSUMÉ: L'article présente une synthèse de recherche sur les relations raciales dans les manuels réalisés dans le cadre du projet Discours et relations raciales. Les différentes recherches ont analysé les manuels scolaires élémentaires et secondaires de différentes matières, histoire, langue portugaise, géographie, arts, mathématiques, éducation religieuse, sciences, langue anglaise et éducation physique. La synthèse des résultats montre que la normativité blanche a été capturée dans la plupart des analyses et que l'association des blancs avec une supériorité et des noirs avec une infériorité était présente dans les différentes études. Toutes les études ont également souligné la sous-représentation des Noirs (Nascimento, 2009; Junia, 2010; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Santos, 2012; Souza, 2015; Dambros, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020; Souza, 2021). Le silence des contenus lié au continent africain et au peuple africain de la diaspora, ainsi qu'à l'éducation et aux relations ethnico-raciales, a été capturé dans presque toutes les études. Des recherches ont révélé que les élèves du primaire et du secondaire perçoivent que les manuels scolaires introduisent des hiérarchies raciales et relient les blancs au pouvoir, à la reconnaissance et à la valorisation (Oniesko, 2018; Silva, 2019; Souza, 2021; Teixeira, 2021), tandis que les personnes noires sont reléguées dans les discours livresques à la subalternité, traitées de manière stéréotypée et liées à l'esclavage.

Mots clés: racisme; manuels scolaires; discours; normativité blanche; éducation aux relations ethnico-raciales.

DISCURSO Y RELACIONES RACIALES EN LIBROS DIDÁCTICOS

RESUMEN: El artículo presenta una síntesis de investigaciones sobre relaciones raciales en libros de texto realizadas en el marco del proyecto Discurso y relaciones raciales. Las diferentes investigaciones analizaron libros de texto de enseñanza primaria y secundaria de diferentes materias, historia, lengua portuguesa, geografía, artes, matemáticas, educación religiosa, ciencias, lengua inglesa y educación física. La síntesis de los resultados muestra que la normatividad blanca fue capturada en la mayoría de los análisis y la asociación de personas blancas con superioridad y personas negras con inferioridad estuvo presente en los diversos estudios. Todos los estudios también señalaron la subrepresentación de las personas negras (Nascimento, 2009; Junia, 2010; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Santos, 2012; Souza, 2015; Dambros, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020; Souza, 2021). El silenciamiento de contenidos relacionados con el continente africano y los pueblos africanos de la diáspora, así como la Educación y las Relaciones Étnico-Raciales, quedó plasmado en casi todos los estudios. Las investigaciones que escucharan a los estudiantes revelaron que los estudiantes de primaria y secundaria perciben que los libros de texto traen jerarquías raciales y relacionan a los blancos con el poder, el reconocimiento y el aprecio (Oniesko, 2018; Silva, 2019; Souza, 2021; Teixeira, 2021), mientras que las personas negras son relegadas en los discursos de los libros a la subalternidad, tratadas de manera estereotipada y relacionadas con la esclavitud.

Palabras- clave: racismo; libros didácticos; discurso; normatividad blanca; educación de las relaciones étnico-raciales.

No presente artigo analisamos dados de pesquisas relacionadas com o projeto *Discurso e relações raciais* apresentando uma síntese dos estudos realizados. O objeto da pesquisa geral foi quais as relações entre pessoas brancas e negras e quais as formas de hierarquias raciais identificadas em diferentes suportes discursivos. Neste texto focalizamos a análise nos discursos difundidos por livros didáticos.

Duas notáveis formas de hierarquia racial operam nos discursos brasileiros ao longo da história, sendo identificadas e criticadas por pesquisas diversas dos estudos sobre racismo no Brasil. A primeira é uma forma vital de estabelecer e manter a hierarquia entre pessoas brancas de um lado, pessoas negras e indígenas de outro. É a normatividade branca, o estabelecimento da pessoa branca como padrão de humanidade. Tal normatividade atuou e atua para uma naturalização da hegemonia branca nos diversos espaços sociais e em todas as situações de poder da sociedade. Pessoas brancas, como representantes da espécie, podem participar em qualquer espaço social. Especialmente nos locais em que ocorre capitalização de bens materiais (por exemplo profissões de alto retorno financeiro em discursos de livros didáticos) ou bens simbólicos (como é o caso de personagens principais na literatura infantil), os discursos atuam de forma quase unânime para a supremacia branca. A segunda forma de hierarquia racial é a sub-representação de pessoas negras e indígenas. Os discursos de literatura infantil e de livros didáticos ao longo das décadas aliaram à sub-representação o silêncio, a nenhuma ou pouca alternativa de participar das narrativas, das histórias e dos espaços sociais valorizados. Aliada à sub-representação e silêncio, quando superado o bloqueio da ausência, via de regra os papéis e espaços sociais destinados a personagens negras e indígenas nos discursos foram de estereotipia e subalternidade.

As pesquisas informam que as hierarquias raciais raramente se manifestam por formas diretas (Silva, Teixeira e Pacífico, 2013). Os resultados indicam que desde o início do século XX não foram encontrados nos livros passagens abertamente racistas e ofensas a pessoas negras e indígenas. Foi situando as pessoas negras e indígenas em posições subalternas, por exemplo, que estes meios discursivos operaram em prol de centralizar o poder por pessoas brancas. Na maior parte das vezes as características de hegemonia branca e estereotipa relativa a pessoas negras e indígenas, nos discursos de livros didáticos e literatura infantil, atuaram conjuntamente para o estabelecimento da racialização destes grupos sociais.

Por outro lado, mudanças nos discursos são mais perceptíveis devidos a um conjunto de políticas educacionais e de pesquisas realizadas principalmente a partir dos anos 1990 e com

algum impacto especialmente a partir da gestão Lula, sobretudo a aprovação da Lei 10.639 em 2003, como também mecanismos de avaliações nos programas de livros pelo MEC, com mecanismos diversos e particularidades para livros didáticos e para literatura infantil. Pode-se afirmar que a representatividade negra em livros didáticos e infantis melhorou nas duas últimas décadas, muito em função de políticas de valorização da população negra executadas pelas gestões do Ministério de Educação, com impacto maior em livros didáticos que de literatura infantil, nos programas de distribuição de livros desenvolvidos pelo MEC.

Na continuidade vamos discutir resultados de pesquisas sobre discursos em livros didáticos, como forma de aprofundar a análise.

Racialização, pessoas negras e brancas em livros didáticos brasileiros

As pesquisas sobre “negros em livros didáticos” foram iniciadas nos anos 1950, entrando relativamente cedo para a agenda de pesquisa social brasileira. Tais investigações identificaram formas explícitas de racismo não estavam presentes nos discursos dos livros. As hierarquias raciais se manifestavam em formas indiretas, via ausência de personagens e temáticas negras; a ambientação de raras pessoas negras que compareciam nos discursos em espaços sociais subalternos (particularmente trabalho braçal). A ditadura militar proibiu a discussão de desigualdades no geral e desigualdades raciais em particular e somente as pesquisas foram retomadas no período da abertura, final dos anos 1970.

O reinício se deu com uma pesquisa com análise longitudinal, fazendo análise de livros de leitura (atualmente Língua Portuguesa) publicados entre 1941 e 1975 (Regina Pahim Pinto, 1981; 1987). O estudo fez uma análise diacrônica em triênios e comparou os discursos ao longo do período, observando mudanças tênues na comparação do primeiro triênio com o último e ao longo dos 30 anos. Posteriormente foi realizada uma atualização do estudo, com livros de língua portuguesa para a então 4ª. Série, adquiridos e distribuídos pelos programas do livro entre 1975 e 2003 (Paulo Vinicius Baptista da Silva, 2007; 2008). O estudo captou permanências e mudanças, mas a base do discurso racista manteve-se similar, com a naturalização de brancos como representantes da humanidade, a sub-representação de pessoas negras e a estereotipia. A análise diacrônica, especialmente a comparação de livros publicados no final dos anos 1970 com os publicados no início dos anos 2000, identificou algumas mudanças em aspectos específicos, mas do ponto de vista quantitativo foram insignificantes. No período inicial, personagens brancas foram 92% (177), no último, personagens brancas subiram dois pontos

percentuais, para 94% (317) e personagens negras desceram os mesmos dois pontos, de 8% (15) para 6% (19). A proporção, definida por Fulvia Rosenberg (1979; 1985) como “taxa de branquidade”, piorou: no período inicial foi de 11,8 (personagens brancas para cada personagem negra) e passamos no período posterior para 16,7, em livros distribuídos pelos programas federais. Mulheres negras nos discursos destes livros estavam praticamente ausentes, eram 2 no período inicial e passaram a 3 no final, mas a taxa de branquidade se manteve em 26 (52 e 78 personagens femininas brancas). Personagens pessoas negras que estudam a taxa de branquidade foi 36,0 no primeiro período e subiu para 52,0 no mais recente. Não foi identificada nenhuma personagem negra que tinha algum tipo de laço familiar em livros da etapa inicial, passando para 3 personagens negras e 120 brancas, taxa de branquidade de 40, nos livros mais recentes. Estas duas últimas formas de desumanização são muito significativas para discutir os espaços sociais destinados à pessoa negra no imaginário, pois além de ausentes e ocupando lugares subalternos e trabalhos braçais, não participam dos contextos escolares e educativos e não tem família, não tem relação com os seus. Ou, de uma forma bastante direta, os discursos dos livros didáticos de língua portuguesa publicados entre 1946 e 2003 construíram narrativas em que pessoas negras não estudavam e raramente tinham família, nos discursos dos livros didáticos publicados entre 1941 e 2003. Estes discursos alimentaram o imaginário brasileiro e construíram ativamente as formas estereotipadas de expectativas em relação às pessoas negras no país.

Importante aspecto é que estes livros foram comprados e distribuídos pelo maior programa de distribuição de livros do mundo, o PNLD³, política iniciada em 1985, na Nova República, que teve diversos aprimoramentos. No início dos anos 1990, por exemplo, para instituir as avaliações de livros da época, bastante importantes para a melhoria de qualidade, usou de acordos com os movimentos negros e feministas. Detalhando, nos anos finais da década de 1980 foi identificada a necessidade de avaliar os livros e o MEC assinou acordos de cooperação com movimentos negros e movimentos de mulheres. A avaliação publicada pelo MEC em 1994 trouxe críticas as ausências de pessoas negras e mulheres em livros didáticos de língua portuguesa, matemática, ciências e “estudos sociais” para séries iniciais do ensino fundamental, logo após as avaliações começaram a ser processadas, mas os movimentos negros e os temas de racismo e sexismo em livros didáticos deixaram de fazer parte dos processos de avaliação. Em 1996 iniciaram as avaliações prévias à compra dos livros e critérios relativos à

³ PNLD- Programa Nacional do Livro e do Material Didático, coordenado pelo Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld> acesso em 11/11/2021.

presença de pessoas negras e de mulheres foram “esquecidos”. Ficou definido um critério de exclusão, que livros que tinham discursos racistas ou sexistas deviam ser desclassificados logo no início da avaliação. Como as pesquisas já demonstravam, livros publicados desde a década de 1940 não trazem formas explícitas de racismo. O critério de exclusão foi e é inócuo: nenhum livro foi desclassificado por racismo ou sexismo desde iniciadas as avaliações prévias no PNLD, de 1996 a atualmente.

Na gestão Lula as equipes de coordenação e avaliação do PNLD mantiveram-se as mesmas do governo anterior, mas novidades tiveram impacto nas políticas. Entre estas consta a aprovação da Lei 10.639/03,⁴ que define obrigatoriedade de ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas. As políticas curriculares orientadas pelo Conselho Nacional de Educação (com representações dos movimentos negro e indígena a partir de 2003) e as aprovações das Diretrizes Curriculares Nacionais, especialmente as de Educação das Relações Étnico-Raciais (DCN-ERER)⁵ em 2004 (mas também as demais DCN que incorporaram as mesmas premissas). E a criação e atuação da SECAD (depois SECADI⁶), secretaria no MEC responsável pelas “políticas de diversidade” que passou a atuar nas diversas comissões, inclusive as dos livros.

As atuações destas políticas trouxeram novidades nos editais do PNLD. As exigências como critério de exclusão passaram a citar a necessidade de cumprir a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a LDB⁷ e especificamente a Lei 10.639/03, o parecer 03/2004 e a Resolução 01/04 do CNE (DCN-ERER). Ficava então explícito para editoras e equipes de produção dos livros a necessidade de cumprir a legislação antirracista aprovada no período. O maior impacto, no entanto, conforme indicam as pesquisas, foi a inclusão de critérios positivos ao invés de simplesmente não ter passagens racistas. No edital do PNLD 2008 incorporaram-se as exigências que os livros deveriam cumprir: promover positivamente a imagem de pessoas negras e indígenas, da cultural afro-brasileira e dos povos indígenas, abordar as relações étnico-raciais e dos povos indígenas, abordar a temática de gênero e promover positivamente a imagem da mulher. Estas indicações de abordagem positiva para

⁴ Texto da Lei 10.639/03 publicado no Diário Oficial da União - Sessão 1 - 10/ 01/ 2003, pg. 1. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/418044/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-10-01-2003> acesso em 11/11/2021.

⁵ Acesso ao texto integral das Diretrizes Curriculares Nacionais, especialmente as de Educação das Relações Étnico-Raciais (DCN-ERER). Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf acesso em 11/11/2021.

⁶ SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

⁷ LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

pessoas negras, indígenas e mulheres foram incorporadas também em fichas de avaliação de algumas disciplinas e tiveram impacto nos discursos dos livros nos anos seguintes.

Raça e discurso em livros didáticos brasileiros pós políticas de igualdade racial na educação

As pesquisas realizadas sobre relações raciais em livros didáticos captaram e discutiram as mudanças e as permanências nos discursos dos livros. Os resultados das pesquisas brasileiras sobre relações raciais em livros didáticos ajudam a compreender estes movimentos e a seguir uma síntese dos mesmos, com foco na produção vinculada com o projeto.

A análise a seguir apresenta uma série de resultados, sem pretender realizar uma revisão exaustiva de todos os estudos realizados. O foco são as pesquisas realizadas pelos três grupos de pesquisa que integram o projeto *Discurso e relações raciais*, Núcleo de Estudos Afro-Brasileira da Universidade Federal do Paraná (NEAB-UFPR); Programa Ações Afirmativas da Universidade Federal de Minas Gerais (AA-UFGM) e Núcleo de Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NUREGS-UEPG).

Analisando livros didáticos públicos do Estado do Paraná observou-se a estigmatização da mulher negra, retratada como coisa. Aliada a tal, foi discursivamente naturalizada a hipersexualidade da mulher negra e a descrevendo como passiva e submissa, sem vontade própria (Tânia Mara Pacífico, 2011). Os textos do livro analisado mantiveram a escravidão como espaço social para pessoas negras e também apresentam características de estereotipia e estigmatização, situando personagens negras em posição subalterna, necessitando de caridade de pessoas brancas. Além disso, observou-se o silêncio sobre as contribuições negras à literatura, não apresentando nenhuma das contribuições ou das particularidades e perspectivas de autoras negras. O termo “negritude” e a temática étnico-racial foram tratadas de forma inadequada no livro, com silenciamento sobre o movimento literário de repercussão mundial e muito importante para a população negra (Pacífico, 2011). Foi feita uma intensa comparação com outras pesquisas e observou que este resultado era coincidente com outras pesquisas do período (Freitas, 2009; Lima, 2010). Identificou também que uma série de pesquisas realizadas em 10 anos sobre relações raciais em livros didáticos de Língua Portuguesa, identificaram formas diversas de hierarquização racial e de desvalorização da população negra nos discursos, captando permanências e algumas mudanças nas representações presentes nos livros. Em geral as mudanças não significam ausência de desigualdade, mas a presença concomitante de

melhoras em aspectos determinados com formas de hierarquia e discriminação. A ausência de pessoas negras e sua sub-representação são particularmente comuns, em geral acompanhada da normatividade branca. Informações sobre contribuições da população negra e sobre desigualdades raciais eram raras. As posições de poder e conhecimento são reservadas a pessoas brancas e as posições de subalternidade como peculiares e naturais a pessoas negras. Muitos estereótipos atravessam os anos nos discursos dos livros. (Silva, 2005; Teixeira, 2006; Watthier, 2008; Freitas, 2009; Orlando, Couto e Watthier, 2009; Lima, 2010; Costa, 2004; Silva, 2010; Junia, 2010; Pacífico, 2011). No caso das pesquisas sobre livros de Língua Portuguesa observa-se uma maior frequência de análises de livros de ensino médio (Watthier, 2008; Freitas, 2009; Orlando, Couto e Watthier, 2009; Lima, 2010; Silva, 2010; Pacífico, 2011), o que era raro nas décadas anteriores.

Em análise de livros de Língua Portuguesa de séries iniciais do ensino fundamental, Junia (2010) selecionou três coleções que em 2007 receberam no PNLD nota máxima no quesito de avaliação “contribuição para uma ética plural e democrática”, critério que “se volta para a preocupação com a representação étnica em textos e imagens” (Junia, 2010, p. 22). Os resultados, no entanto, apontaram estereótipos e outras formas de hierarquia racial como lugar comum nos discursos dos livros. As crianças negras tiveram espaço social da subalternidade definido, representadas em posições de miséria, em lugar de desigualdade, de sofrimento e sem acessibilidade aos bens produzidos socialmente. Crianças brancas foram discursivamente apresentadas como norma de humanidade e representadas por imagens associadas à educação, ao lazer e às práticas de cidadania. No período analisado, livros comprados pelo PNLD após o edital de 2007, os cujos resultados apontam numa direção contrária ao possível papel indutor do edital em termos de valorização da população negra.

Nos livros de História as pesquisas também observaram mais permanências que mudanças no período até 2012. Os discursos insistiam na associação negro-escravo, desconsiderando todas as diversas e complexas formas de participação da população negra na sociedade brasileira. Em especial mantinha o confinamento da população negra quase exclusivamente como escravizada, que ao longo dos anos vem sendo constante (Silva Filho, 2005; Teixeira, 2006; Souza, 2010), via de regra narrativas que davam forma à *eternalização* da condição de escravizado como inerente à população negra a atuando para a reificação da subordinação de pessoas negras. As pesquisas observaram esta estereotipização de pessoas negras nos textos e imagens presentes nos livros didáticos de História. A iconografias reproduzidas nos livros reproduziam quase exclusivamente cenas dramáticas: castigos

corporais, fugas e torturas. A maioria das imagens retratava cenas de escravização e castigos. Raramente apresentavam aspectos positivos do povo negro, líderes políticos, ativistas em movimento sociais, esportistas e artistas.

Outro ponto era a quase total ausência de conteúdos de Educação das Relações Étnico-Raciais e silenciamento sobre conteúdos relativos ao continente africano, ao passo que o privilégio era total para narrativas com informações sobre povos europeus, destacando seus costumes e culturas (Silva Filho, 2005 Teixeira, 2006). Em livros didáticos distribuídos pelo PNLD 2008 a análise constatou, além da permanência da representação do escravo, a coisificação do personagem negro (Souza, 2010). O escravizado aparecia vinculado ao sistema colonial como uma peça, escravizado passivo e massacrado pelo sistema. Análise das coleções para segunda etapa dos livros de maior compra no PNLD 2008 e 2012 identificou esta permanência, o predomínio de imagens relacionadas ao período colonial e imperial brasileiros, especialmente as imagens canônicas de Debret e Rugendas, quando abordados os africanos, seus descendentes da diáspora e suas culturas no Brasil (Sidnei Marinho de Souza, 2015). O estudo também captou que a civilização egípcia não era reconhecida como civilização negra e africana. Por outro lado, identificou mudanças significativa no PNLD de 2012 em relação ao de 2008, com aumento de capítulos especialmente dedicados à história e cultura africana, com história dos povos africanos anteriores à chegada dos europeus no continente.

Analisando o livro didático de história utilizado por uma turma de 8º ano em escola estadual no município de Ponta Grossa, estado do Paraná, Paola Clarinda de Freitas Oniesko (2018) identificou nas ilustrações dos livros 931 personagens brancas e 221 personagens negras (taxa de branquidade de 4,2), sendo que as personagens brancas retratadas como escravizadas foram zero e retratadas como nobres foram 147, ao passo que personagens negras retratadas como escravizadas foram 185 e em situação de nobreza 4. Ou seja, o conjunto de imagens dos livros situa a pessoas brancas como de origem nobre e pessoas negras como de origem escravizadas. A análise qualitativa das imagens revela de forma explícita a associação entre pessoas brancas e situação de superioridade e pessoas negras e situação de pobreza e subalternidade.

No mesmo período Isabella Sacramento da Silva (2019) analisou o livro didático de história em uso por turmas de 6º ano de uma escola estadual localizada no município de Pontal do Paraná, observando a presença maior de personagens humano branco, homem e adulto como referência de população e de protagonismo. Nas ilustrações foram identificados 50 personagens brancas e 32 negras, índice de branquidade de 1,6, bem menor do que as pesquisa anteriores

apontavam (Rosemberg, Bazilli e Silva, 2003; Silva; Teixeira e Pacífico, 2013, Oniesko, 2018). Foram identificados 8 personagens indígenas (8,5% do total), percentual bastante expressivo e maior que os percentuais na população. A mudança mais relevante foi não limitar as personagens negras em situação de escravidão, que foi marca identificada em outras pesquisas (Teixeira, 2006; Oniesko, 2018). No entanto, o material didático analisado é permeado de outras representações estereotipadas. As personagens masculinas brancas permaneceram como norma de humanidade e as mulheres, especialmente mulheres negras, tinham espaço limitado nos discursos do livro. Observou-se também a tendência de situar pessoas brancas nos espaços mais valorizados e pessoas negras em espaços subalternizados.

Já o estudo seguinte de Sidnei Marinho de Souza (2021) analisou as coleções de livros didáticos de história mais vendidas para o PNLD de 2015 e 2018 e identificou uma “nova iconografia” que apresenta imagens e muitas vezes foi acompanhada de textos e atividades antirracistas, o que é atribuído pelo pesquisador à incorporação de demandas dos movimentos sociais negros, à implementação da Lei 10.639/03 e às exigências dos editais do PLND.

Em síntese, três estudos do projeto *Discurso e relações raciais* que analisaram livros didáticos de história captaram, em duas coleções para 6º a 9º ano do ensino fundamental mais permanências que mudanças nos discursos (Oniesko, 2018 e Silva, 2019), ao passo que na coleção mais vendida para o ensino médio mudanças mais significativas, ao mesmo tempo, silenciamentos epistêmicos, representações eurocêntricas e discursos racistas, em paralelo com presença de discursos antirracistas na coleção analisada (Souza, 2021).

Na disciplina de Ciências a análise de quatro coleções distribuídas pelo PNLD de 2007 para as séries iniciais apontou o predomínio do homem branco sobre a mulher branca e sobre as pessoas negras; homens brancos heterossexuais naturalizados nos espaços de poder e de saber científico; pessoas negras situadas em situações de desvantagem social ou em estereótipos no esporte (Soares e Bordini, 2009). Em livros didáticos de ciências dos PNLD de 2008 e 2011, foram analisados livros de 7º ano do Ensino Fundamental (Ana Lucia Mathias, 2011). As permanências foram a sub-representação de personagens pessoas negras (89) em relação a pessoas brancas (411) com taxa de branquidade de 4,6. Em alguns aspectos específicos, como a atuação profissional e identificação com nome, as personagens brancas eram mais complexas que as negras. Os livros não traziam conteúdos relacionados a história e cultura afro-brasileira ou africana ou relacionados às relações raciais, proposta para produção científica nas escolas e métodos de aprendizagem que enfatiza a lei 10.639/03.

Em termos de mudanças foram encontradas imagens que valorizam personagens e pessoas negras e foram distintas de imagens identificadas em outros estudos. Em especial, as imagens que ilustram temas específicos de conteúdo relativo ao corpo humano nos quais o corpo negro compareceu representando a espécie humana, quebrando discursivamente com a normatividade branca. Em relação aos estudos anteriores realizados pelo NEAB-UFPR (Silva, 2005, 2008, 2018; Nascimento, 2009, 2018; Pacífico, 2011, 2018) o uso de imagens nas quais os personagens negros figuram como representantes da espécie humana foi novidade, quebrando com a “branquidade normativa” criticada nos referidos estudos. Além disso foram encontradas imagens de personagens pessoas negras em família, de cientistas e médicas, operando no sentido de construção discursiva de espaços não hierarquizados entre pessoas negras e brancas. Tais resultados foram relacionados com as novas formulações dos editais, ou seja, encontramos indicações que o papel de indutor dos editais operou para mudanças nos discursos.

A partir da análise de livros de Geografia para o 2º ano do ensino fundamental distribuídos pelo PNLD de 2008, foram identificadas 3217 personagens nas ilustrações dos livros da amostra, a maior parte masculinas (57,9%) e menor femininas (33,8%); personagens brancas foram 60% (1929) e negras 20,6% (663), sendo a taxa de branquidade de 2,9, bastante distante da distribuição de pessoas brancas e pessoas negras na população brasileira (Wellington Santos, 2012, 2018). As desigualdades foram quantitativas e qualitativas entre personagens brancas e negras, contrariando as orientações do edital do PNLD. Poucas personagens negras figuravam nos discursos como construtores do saber científico, lugar reservado a pessoas brancas; pessoas negras ocupando espaços de desvalorização e miséria, ao contrário de pessoas brancas. Outras formas de hierarquização observadas foram: pessoas brancas seguiram como norma de humanidade naturalizada; processos e vantagens sociais de pessoas brancas naturalizados nos discursos; estigmatização de personagens negras; discursos sobre igualdade operando via banalização das desigualdades de raça (também de gênero e classe).

Na comparação com demais estudos Santos (2012) observou como traços comuns a estereotipia relacionando pessoas negras e do continente africano à inferioridade, passividade, pobreza; a falta de tratamento adequado de conteúdos relacionados com as populações africanas e afro-brasileiras e as formas de hierarquização implícitas foram ponto comum entre as pesquisas (Tonini, 2001; Ratts, Rodrigues, Vilela e Cirqueira, 2007; Costa e Dutra, 2009; Rodrigues e Cardoso, 2010). Outro ponto foi a ausência da África nos discursos científicos e

tecnológicos (Tonini, 2001; Ratts, Rodrigues, Vilela e Cirqueira, 2007; Costa e Dutra, 2009; Rodrigues e Cardoso, 2010; Santos, 2012). As mudanças observadas foram principalmente nas capas, que podem funcionar como um processo de dissimulação das desigualdades nos discursos dos livros. No estudo de Santos (2012) também foram mais comuns imagens de personagens negras com relações familiares saudáveis; não foi encontrado o negro representado como escravizado, característica apontada no estudo de Ratts, Rodrigues, Vilela e Cirqueira (2007); não se observou a pessoa negra representada como escrava nem a folclorização da pessoa negra brasileira, diferentemente dos estudos anteriores de Ratts, Rodrigues, Vilela e Cirqueira, (2007); Rodrigues e Cardoso (2010).

A ausência de conteúdos relativos a história e cultura africana e afro-brasileira também foi observada em livros didáticos de artes do Ensino Médio Megg Rayara de Oliveira (2012, 2018) observou a apresentação da população branca como norma de humanidade; a arte europeia considerada modelo para as demais; a omissão em relação às contribuições da população negra para a estética da arte nacional e internacional; a naturalização das hierarquias entre pessoas brancas e negras; a omissão e falta de interesse em conteúdos envolvendo a população negra; a invisibilidade e sub-representação de artistas pessoas negras; a invisibilidade e sub-representação da mulher, especialmente na mulher negra. A pesquisa revelou que estas formas de hierarquia estavam presentes também nas diretrizes de ensino de arte do Paraná.

Sub-representação de pessoas negras e formas de estereotipia estiveram presentes também em livros didáticos de língua inglesa para o ensino médio distribuídos pelos PNLD de 2012 e 2015, em análise de Lilian Paula Dambros (2016) que captou várias formas de hierarquia racial: enaltecimento da população branca em detrimento na negra; pessoas negras estereotipadas e caricaturadas; pessoas negras retratadas como carentes sociais; a associação de pessoas negras com eventos negativos; cultura negra folclorizada. Relata ainda a ausência de tratamento adequado de conteúdos relacionados à história e cultura africana e afro-brasileira nos livros didáticos de língua inglesa.

A estereotipia de pessoas negras foi identificada também no estudo que analisou livros didáticos de espanhol para o ensino médio aprovados pelo PNLD de 2012 e uma coleção de ensino médio publicada a partir de uma experiência de PIBID em Ponta Grossa (estado do Paraná, Brasil). Realizado por Edna Aparecida de Silva Enevan (2016), que identificou pessoas brancas em espaços de valorização social, ao passo que pessoas negras foram estereotipadas, associadas com pobreza e precariedade e ocupando espaços de menos prestígio social e menor

exigência de habilidades intelectuais. A normatividade branca foi outro aspecto identificado pela pesquisa, que dialoga com resultados de outros estudos.

Em livros didáticos de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) Sérgio Luis Nascimento (2009, 2018) analisou os livros de diferentes períodos históricos e propostas de ensino religioso (modelo confessional, livros publicados entre 1983 e 2002; modelo interconfessional, livros publicados entre 1977 e 1998 e modelo fenomenológico, livros publicados entre 2001 e 2007). Encontrou particularidades em cada modelo, mas as formas de hierarquia racial foram permanentes, com a normatividade branca, a sub-representação de pessoas negras (taxas de branquidade de 29,0 no modelo confessional; 7,25 no modelo interconfessional e 6,7 no modelo fenomenológico, livros mais recentes); personagens negras menos relevantes em todos os modelos; infância negra retratada como “problema social”. No modelo confessional foram observadas mudanças positivas com a inclusão de passagens sobre religiões de matriz africana.

Numa análise que também foi sobre período um pouco mais longo, em Livros Didáticos de Matemática do 6º ano do Ensino Fundamental, aprovados e distribuídos pelo PNLD de 2005 a 2017 (Maysa Ferreira da Silva, 2020), as imagens das capas e do miolo tiveram tratamento em separado. Nas imagens das capas a sobre representação de pessoas negras foi muita alta, com taxa de branquidade de 9,0, interpretada pela autora como estratégia ideológica de unificação, na qual “a relação de dominação, nesse caso, no nosso compreender, ocorre por meio do destaque de um determinado grupo social, silenciando os demais grupos (Silva, 2020, p. 104-105). No miolo dos livros foram identificadas 1746 imagens e a taxa de branquidade foi de 3,2, bastante abaixo das personagens nas capas, mas ainda com desigualdade muito significativa. A análise qualitativa revelou a presença de algumas imagens com valorização das personagens negras e lhe atribuindo posição de fala e destaque. No entanto, no geral, as imagens são insuficientes para mudar o quadro de hiper valorização de pessoas brancas em detrimento de negras. Em relação ao currículo e à incorporação de conteúdos relativos à história e cultura africana e afro-brasileira e ao conhecimento do campo da etnomatemática, na história da matemática e na construção de registros numéricos e frações foram identificados conteúdos significativos. No entanto em seis dimensões relativas a estes conteúdos analisadas pela tese nenhuma foi contemplada em plenitude. De forma geral o conjunto de livros didáticos de matemática distribuídos pelo PNLD operam para reforçar as desigualdades raciais brasileiras, pela ausência de abordagem que inclua contribuições e valores africanos e afro-brasileiros e pela difusão de discursos que privilegiam personagens brancas à negras, mantendo uma

normatividade branca. A tese conclui que “a principal forma de racismo identificada ocorreu pela via do silenciamento das personagens de Cor/Raça preta e parda, incidindo, sobretudo, na ausência da imagem feminina negra nos diferentes cenários apresentados nos Livros Didáticos de Matemática” (Silva, 2020, p. 200).

A análise do Livro Didático Público do Paraná da disciplina de Educação Física, para o Ensino Médio, revelou contradição interna nos discursos dispostos no livro (Pacífico, 2011, 2018). Na maior parte do livro a temática étnico racial não comparece e em determinado capítulo não foi apresentada de forma adequada. Ao analisar estilos de dança (axé, rap, funk) que são de preferência da juventude negra enfatizaram aspecto apelativo destes estilos e não realizaram uma contextualização mais bem elaborada de sua origem e relação com comunidades negras. Em dois outros capítulos a temática negra é apresentada de forma detalhada e bem elaborada, um capítulo sobre Hip Hop, com um cuidado especial ao retratar esses estilos de dança e música e uma problematização crítica ao mercado de consumo bem elaborada; um capítulo sobre a capoeira, cujo discurso é valorização de aspectos da cultura de matriz africana.

Num olhar global as pesquisas apontam que em livros didáticos analisados de diversas disciplinas, história, língua portuguesa, geografia, artes, matemática, ensino religioso, ciências, língua inglesa, educação física, foram encontradas algumas mudanças de valorização da população negra, mas algumas características gerais se mantêm. A normatividade branca foi captada na maioria das análises (Nascimento, 2009; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Dambros, 2016; Enevan, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020) e a associação de pessoas brancas com superioridade e pessoas negras com inferioridade esteve presente nos diversos estudos (Nascimento, 2009; Junia, 2010; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Santos, 2012; Souza, 2015; Dambros, 2016; Enevan, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020). Silva, I (2019) apontou a normatividade especialmente para homens brancos. Todos os estudos também apontaram a sub-representação de pessoas negras (Nascimento, 2009; Junia, 2010; Pacífico, 2011; Oliveira, 2012; Santos, 2012; Souza, 2015; Dambros, 2016; Enevan, 2016; Oniesko, 2018; Silva, I. 2019; Silva, M. 2020, Souza, 2021). O silenciamento de conteúdos relativos ao continente africano e aos povos africanos da diáspora, como também sobre de Educação e Relações Étnico-Raciais, foi captada em quase todos os estudos, com à exceção do estudo de Souza, 2021. O estudo captou a presença de abordagens adequadas em capítulos específicos sobre história da África, presentes na coleção de história para ensino médio mais comprada e distribuída pelo PNLD. No entanto aponta também algumas limitações da coleção, excluindo

os capítulos específicos os temas de história e cultura africana e afro-brasileira são tratados como apêndice da história europeia; com silenciamentos discursivos que contribuem para desafrikanizar a civilização egípcia; com perspectiva eurocentrada sobre os processos de colonização e participação dos povos africanos nos movimentos de independência.

A interpretação dos discursos por alunas e alunos

Alguns estudos buscaram captar as formas de interpretação dos discursos dos livros didáticos por discentes. O investimento em trazer para a análise a percepção alunos faz parte do programa de pesquisa sobre racismo e discurso que desenvolvemos ao longo dos anos. Um impulso importante sobre interpretação dos discursos dos livros didáticos no NEAB-UFPR foi o ingresso de Rozana Teixeira que havia desenvolvido uma dissertação (2006) com a escuta de estudantes de 5^a a 7^a séries (6^o a 8^o anos atuais) e detalhado a captação das representações por estudantes negras e negros, que unanimemente percebiam os livros didáticos traziam imagens estereotipadas estigmatizantes em relação à pessoas negras. Em produções gráficas realizadas por estudantes negras e negros para representar a participação de pessoas negras em livros didáticos, a maioria absoluta continha imagens que remetiam à escravidão, com personagens negras sendo castigadas em troncos na maioria das vezes, situando a pessoas negras exclusivamente em situação de escravidão e remetendo ao passado de submissão e exploração de pessoas negras. Na percepção de alunas e alunos negros o livro didático traziam as pessoas negras exclusivamente em situação de escravidão e de desvantagem social, ao passo em que as pessoas brancas estavam em todos os lugares, em posições favoráveis, de poder, de lazer, de participação em famílias, situações estas que foram negadas a pessoas negras. A percepção da discriminação nos discursos dos livros foi também marca em relatos de outros estudantes (Costa, 2004) Os resultados das pesquisas indicam uma percepção mais aguçada por estudantes sobre as formas de hierarquia e discriminação presentes nos discursos de livros didáticos, comparando com a percepção por professoras e professores.

O estudo de Isabela Sacramento da Silva (2019) atualizou a pesquisa de Teixeira (2006), utilizando os mesmos procedimentos de coleta de dados, com estudantes de 6^o ano, numa escola estadual localizada no mesmo município do estudo anterior. Foi realizado solicitação às e aos estudantes de produzirem desenhos que representassem a representação da população negra brasileira encontrada nos livros didáticos e que ficou mais presente em suas memórias. Posteriormente foram realizadas entrevistas com estudantes negros que se voluntariaram. Os

resultados revelaram mudanças e permanências na percepção das e dos estudantes. Algumas percepções sobre representação de pessoas negras como exclusivamente escravizadas se mantiveram, mas não foram nem as únicas nem hegemônicas como no estudo anterior.

No estudo de Teixeira (2006) as pessoas negras estiveram exclusivamente na situação de escravidão e discriminação. No estudo de Oniesko (2018) os estudantes apontaram especialmente a hierarquia estabelecida pela associação branco e superioridade/nobreza e negro com subalternidade/escravidão. No estudo de Silva (2019) as duas categorias de representações mantiveram-se, alguns e algumas estudantes colocaram como principal representação da população negra no livro didático a escravidão e um número superior à primeira pesquisa em situação de discriminação racial ou de desvantagem em relação a pessoas brancas, surgindo uma nova categoria que aponta a estereotipia das pessoas negras nos discursos dos livros. As outras categorias foram de valorização da população negra: a) situando pessoas negras em espaços escolares, de lazer e de trabalho; b) valorização de aspectos fenotípicos de pessoas negras, especialmente de mulheres negras; c) o Egito compreendido como lugar da história da população negra no continente africano; d) a valorização de pessoas negras no esporte (Silva, 2019).

As percepções dos estudantes foram também objeto de análise de estudo que escutou alunas e alunos, pessoas negras e pessoas brancas, de 8º ano em uma escola pública situada no município de Ponta Grossa (no estado do Paraná), por meio de grupos focais (Oniesko, 2018). A discussão com as e os estudantes focou em suas experiências com livros didáticos de história. O discurso das e dos estudantes revelou percepções de que o livro didático de história estabelece a pessoas brancas como detentoras de privilégio social, estando associadas à riqueza, nobreza e cargos de liderança. Em contrapartida as pessoas negras são associadas à escravidão e pobreza, oferecendo uma construção identitária negativamente estereotipada. As e os estudantes apontam que os livros estabelecem as pessoas brancas como norma de humanidade e inferiorizam a pessoas negras. Outro componente observado foi a vinculação de elementos negativos, por exemplo “peste negra”, às identidades negras. As alunas e os alunos enfatizaram que o livro didático de história atuava como instrumento de perpetuação das hierarquias de raça, compondo a identidade racial branca como positiva e a identidade racial negra como negativa.

Apesar das permanências, temos dados dos registros pictográficos e do próprio discurso das crianças negras muito mais diversificado (Silva, 2019), diferente dos resultados analisados por Teixeira (2006) e Oniesko (2018) que tiveram apenas relatos da população negra apresentada apenas como mão de obra escrava e desprovidos de dignidade humana. Os

resultados da pesquisa de Souza (2021) são mais próximos aos de Silva (2019), sobre um impacto de mudanças na percepção de alunas e alunos. A pesquisa aplicou questionário sobre relações étnico-raciais em livros didático de história, analisando a resposta de questionários respondidos pelas turmas de terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual de Belo Horizonte. Na percepção da maioria das alunas e dos alunos a coleção de livros didáticos de história utilizada valoriza os conhecimentos adquiridos fora da escola; possui imagens que ajudam a contextualizar os conteúdos e apresentam imagens e textos que valorizam a população negra e sua cultura. Os dados apontam que as e os jovens discentes ainda têm dificuldades em citar espontaneamente imagens positivas relativas à história e cultura africana e afro-brasileira, mas ao mesmo tempo conseguem distinguir novas iconografias das imagens canônicas da escravidão e trabalho braçal representando a população negra. A escuta de estudantes de Ensino Médio captou percepção de novas imagens em livros didáticos de história de pessoas negras para além da escravidão e inferiorização (Souza, 2021) e a escuta de estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental sobre livros didáticos de História e de Língua Portuguesa (Teixeira, 2021) captou diversas imagens positivas de negras e negros, relacionadas com a implementação da Lei 10.639/03 que passaram a conviver em paralelo com a ainda normatividade branca e discursos que continuam a prender a pessoas negras em estereótipos. A escuta de estudantes de 9º ano de uma escola estadual do município de Pontal do Paraná utilizou duas estratégias complementares de escuta das e dos estudantes, o desenho de imagens que representassem a imagem da população negra nos livros didáticos (possibilitando melhores condições de comparação com os estudos anteriores, de Teixeira, 2006 e de Silva 2019) e grupos focais (com diversidade de raça/cor e de gênero) que discutiram as representações das populações negras e brancas nos livros didáticos de história e de língua portuguesa que as alunas e os alunos tinham utilizado. A atividade do desenho apresentou alguns estereótipos sobre pessoas negras, mas por outro lado a quantidade de imagens positivas foi maior que as identificadas nos estudos de Teixeira (2006), de Oniesko (2018) e inclusive de Silva (2019) que já apresentara dados mais favoráveis com discentes de 6º ano. Nos grupos focais a percepção mais proeminente das alunas e alunos foi que as imagens dos livros eram mais positivas para mulheres e homens brancos e do homem e mulher negras bastante inferiores em quantidade e em hierarquia social. Esta percepção foi manifestada principalmente por alunas negras e alunos negros, que expressaram muito mais as críticas às hierarquias raciais dos discursos dos livros. As alunas brancas e alunos brancos demonstraram dificuldade em se expressar oralmente e pouco participaram, apresentando comportamentos de desconforto em relação à temática da hierarquia racial nos

livros e muitas vezes ficando em silêncio. Então o estudo também apontou para as diferenças de leitura dos discursos dos livros, com análise crítica por alunas negras e alunos negros e pouca percepção de alunos e alunas brancas sobre as hierarquias de raça.

Conclusões

As pesquisas sobre relações raciais em livros didáticos realizadas a partir do projeto *Discurso. Relações raciais* tiveram uma ampla cobertura em termos de diferentes etapas da educação, com maioria das pesquisas no ensino fundamental, mas cobrindo outras etapas. A cobertura foi mais ampla no que se refere às disciplinas escolares, com estudos sobre livros didáticos das disciplinas de língua portuguesa, história, geografia, ciências, matemática, artes, educação física, ensino religioso, espanhol e inglês.

As pesquisas realizadas ao longo dos últimos dez anos desvelam particularidades de cada uma das áreas disciplinares e das etapas da educação básica, ao mesmo tempo em que apontam para elementos comuns nos discursos dos livros. Uma discussão que perpassa o conjunto das pesquisas é sobre as permanências e mudanças nos discursos, o que revela grande complexidade, mas ao mesmo tempo alguns pontos em comum.

Em todas as amostras foram observadas algumas mudanças, com identificação de determinadas passagens discursivas que respondiam a críticas realizadas em pesquisas anteriores (Pinto, 1981; 1987; Silva, 2008) relativas à sub-representação de pessoas negras, ao uso de estereótipos, à normatividade branca. Por outro lado, as pesquisas foram unânimes em apontar que passagens antirracistas foram pontuais e específicas, com as principais características dos discursos dos livros, normatividade branca e sub-representação negra, mantendo-se. Outro ponto comum registrado nas diversas pesquisas são os silenciamentos epistêmicos e as representações eurocêntricas, com a entrada do conhecimento e perspectivas da história e cultura africana e africana da diáspora comparecendo de forma episódica nos discursos.

As mudanças que foram captadas são importantes de serem citadas, com o aumento de representatividade de pessoas negras; a participação personagens negras em situações

escolares; em famílias; em espaços de valorização social; de poder (Santos, 2012; Enevan, 2016; Souza, 2021).

As mudanças em relação à escravização nos livros didáticos de história foram captadas, em pesquisa que percebeu diversidade muito maior de espaços de inserção da população negra, além da escravidão, voltados para espaço escolar, lazer e trabalho e uma tese foi intitulada, com o termo “novas iconografias” para acentuar a presença de imagens sobre África e Africanidades além das imagens canônicas da escravidão (Souza, 2021). Como o cânone mais significativo no imaginário brasileiro de hierarquia racial é um passado de relação intrínseca negro-escravidão, sem reconhecer os diversos movimentos de liberdade e resistência presentes nos séculos de regime escravista vigente, esta mudança é bastante significativa para o impacto nas identidades e a formulação dos imaginários.

Uma área na qual as pesquisas vinculadas ao projeto foram proeminentes é na escuta de alunas e alunos sobre suas interpretações das mensagens dos livros. Com a exceção do estudo de Costa (2004) as pesquisas identificadas nas revisões que fizemos, que se dedicaram à escutar discentes e analisar suas interpretações dos discursos dos livros, foram realizadas nos grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos Afro-Brasileira da Universidade Federal do Paraná (NEAB-UFPR); Programa Ações Afirmativas da Universidade Federal de Minas Gerais (AA-UFGM) e Núcleo de Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NUREGS-UEPG).

Tais pesquisas revelaram que as e os estudantes de ensino fundamental e médio tem percepção de que os livros didáticos trazem hierarquias raciais e relacionam pessoas brancas poder, reconhecimento e valorização (Oniesko, 2018; Silva, 2019; Souza, 2021; Teixeira, 2021), ao passo que pessoas negras são relegadas nos discursos dos livros à subalternidade, tratadas de forma estereotipada (Oniesko, 2018; Silva, 2019; Souza, 2021; Teixeira, 2021) e relacionadas com a escravidão, neste caso com dados mais contundentes no estudo de Oniesko (2018); um pouco menos nos estudos de Silva (2019) e Teixeira (2021) e menor no estudo de Souza (2021).

As mudanças captadas são atribuídas ao processo relacionado com a participação dos movimentos negros e as mudanças na legislação, com espaços de esforço coletivo para a implementação da Lei 10.639/03 e as orientações do PNLD, que a partir de 2008 passou a exigir a valorização de pessoas negras, indígenas e de mulheres. Aos poucos dos discursos dos livros vem mudando o perfil da representatividade da mulher negra do homem negro em livros didáticos, mas ainda não o suficiente.

O processo de produção complexo e marcado por formas de hierarquia racial, com hegemonia branca também entre autores e autoras, dirigentes das diversas áreas de produção das editoras e ilustradoras e escritores, fazem as mudanças nas formas de hierarquia racial, eurocentrismo e silenciamento epistêmico uso de estratégias ideológicas para esconder a realidade, não atenuando o desconforto de alunas negras e alunos negros frente aos estereótipos que persistem.

No momento atual a complexidade para as mudanças convive com retrocessos no campo das políticas educacionais em geral e do PLND em específico. As mudanças no edital do PNLD 2022, publicado em 2021, expressam a perspectiva do Governo Federal na gestão iniciada em 2019. O critério de exclusão de obras que expressam racismo e sexismo foram retirados, ocorreu um debate público sobre isto, mas este critério é inócuo e não interfere nas obras. Os itens relativos à valorização de pessoas negras, indígenas e mulheres foram substituídos por outros mais generalizantes (respeitar todos os brasileiros; promover positivamente as imagens dos brasileiros) o que é uma velha estratégia dos movimentos conservadores de usar perspectivas generalistas de forma a esvaziar as demandas de movimentos sociais identitários. Estes critérios teriam sim, impacto negativo ao direcionarem para as editoras e suas complexas equipes de produção dos livros que os textos devem usar de generalismos, sendo que estes reforçam as normatividades branca, masculina, cis-hétero. A somar os interesses econômicos de grupos empresariais nos programas do livro, inclusive de empresários ligados a membros das gestões do MEC no atual governo. Por outro lado, verifica-se que as mudanças em programas com esta complexidade são processadas a médio prazo, o governo que iniciou em 2019 somente alterou o edital de 2021 e os impactos nos livros demorarão ainda alguns anos para serem perceptíveis.

Políticas de valorização da população negra e indígena das duas últimas décadas apresentam alguns resultados, mas ainda iniciais e muito parciais. Provável que olhando para as obras que são voltadas à valorização do eu-enunciador negro tenhamos uma medida de mudança e atualização via discursos antirracistas. No entanto, quando olhamos conjuntos de obras, bibliotecas, acervos, as mudanças são ainda epidérmicas e este é ponto nevrálgico para o racismo estrutural e estruturante na sociedade brasileira, visto a raça ser uma construção social.

REFERÊNCIAS

- Costa, Cândida S. (2004) *Discriminação racial no contexto escolar: percepções de alunos e professores*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.
- Dambros, Lilian P. (2016). *Construção das identidades de raça com intersecção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelos PNLDs 2012 e 2015*. Dissertação (Mestrado em Linguagem) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/414>
- Enevan, Edna Ap. S. (2016). Um olhar sobre as representações de identidades sociais de raça: análise de livros didáticos para o ensino de Espanhol/LE. Dissertação (Mestrado em Linguagem) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/424>
- Freitas, Ivana. (2009) *A cor da metáfora: o racismo no livro didático de língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6312?locale=pt_BR
- Junia, Elisabeth R. D. *Discursos sobre relações raciais em livros didáticos de Português para séries iniciais do ensino fundamental*. (2010) Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8CRKYJ>
- Lima, Fabiana. Afrobetizar: uma análise das relações étnico-raciais em livros didáticos de literatura. (2010) *Interdisciplinar*, 5 (10), 377-390. <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1279/1115>
- Mathias, Ana L. (2011). *Relações raciais em livros didáticos de ciências*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27890>
- Nascimento. Sergio L. (2009) *Relações raciais em livros didáticos de ensino religioso do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/20671>
- Nascimento, Sérgio L. (2018) Personagens negros e brancos em livros didáticos de Ensino Religioso. In: Silva, Paulo V. B., Araujo, Débora C. e Santos, Wellington O. (Orgs.). *Racismo, discurso e educação: estratégias ideológicas*. Curitiba: NEAB, pp. 225-253. <http://www.sipad.ufpr.br/portal/livros/>
- Oniesko, Paola C. F. (2018). *A identidade negra nas imagens do livro didático de História através do olhar dos/as alunos/as*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2522>
- Oliveira, Megg R. G. (2012) *Arte e silêncio: a Arte Africana e Afro-Brasileira nas Diretrizes Curriculares Estaduais e no Livro Didático Público de Arte do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27470>

Oliveira, Megg R. (2018). O silêncio como estratégia ideológica: a invisibilidade negra na história, na arte, nas Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica e no Livro Didático Público de Arte no Paraná. In: Silva, Paulo V. B., Araujo, Débora C. e Santos, Wellington O. (Orgs.). *Racismo, discurso e educação: estratégias ideológicas*. Curitiba: NEAB, pp. 103-132. <http://www.sipad.ufpr.br/portal/livros/>

Orlando, Andréia; Ferreira, Aparecida J., Couto, Fernanda C. e Wathier, Luciane. (2008) Os estereótipos do negro presente em livros didáticos: uma análise a partir dos parâmetros nacionais. In: Ferreira, Aparecida de Jesus (Org.). PEAB – Projeto de Estudos Afro-Brasileiros: contexto, resultados de pesquisas e relatos de experiência. Cascavel: Unioeste, 2008. pp. 61-73.

https://www.academia.edu/3037515/Os_estere%C3%B3tipos_do_negro_presentes_em_livros_did%C3%A1ticos_uma_an%C3%A1lise_a_partir_dos_par%C3%A2metros_nacionais_2008

Pacífico, Tânia M. (2011). *Relações raciais no livro didático público do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26851/Dissertac..%5b1%5d.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Pacífico, Tania (2018). Relações raciais no Livro Didático Público. In: Silva, Paulo V. B., Araujo, Débora C. e Santos, Wellington O. (Orgs.). *Racismo, discurso e educação: estratégias ideológicas*. Curitiba: NEAB, pp. 133-192. <http://www.sipad.ufpr.br/portal/livros/>

Pinto, Regina P. (1981). *O livro didático e a democratização da escola*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. <https://pos.fflch.usp.br/node/40777>

Pinto, Regina P. A representação do negro em livros didáticos de leitura. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1280/1281> acesso em 11/11/2021.

Ratts, Alecsandro J. P., Rodrigues, Ana Paula C., Vilela, Benjamim P. e Cirqueira, Diogo M. Representações da África e da população negra nos livros didáticos de geografia. (2006/2007) *Revista da casa da Geografia de Sobral*, 8-9 (1), 45- 59. <http://www.uvanet.br/rcg>.

Rodrigues, Maria A. C. N.; Cardoso, Eduardo A. (2010) A desconstrução do papel social do negro presente nas imagens e representações no livro didático de História e Geografia. In: Anais do III Seminário de Estudos de História e Culturas Afro-brasileiras e indígenas. *Anais...* Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

Rosemberg, Fúlvia; Bazilli, Chirley; Silva, Paulo V. B. (2003) Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, 29 (1), 125-146. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100010>

Santos, Wellington O. (2012). *Relações raciais, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e livros didáticos de geografia*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://hdl.handle.net/1884/27543> acesso em 11/11/2021. [Acesso em 11/11/2021.](https://hdl.handle.net/1884/27543)

Santos, Wellington O. A diferença banalizada: discursos de inclusão de negros em livros didáticos de Geografia (2018). In: Silva, Paulo V. B., Araujo, Débora C. e Santos, Wellington

O. (Orgs.). *Racismo, discurso e educação: estratégias ideológicas*. Curitiba: NEAB, pp. 225-253. <http://www.sipad.ufpr.br/portal/livros/>

Silva, Isabella S. (2019). *Rememoração de estudantes negros(as) do ensino fundamental sobre personagens negros em livros didáticos*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/66028?show=full>

Silva, Maysa F. (2020) *O romper do silêncio discriminatório: O manuseio do livro didático de matemática na perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69750>

Silva, Paulo V. B. (2005) *Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17364>

Silva, Paulo V. B. (2008) *Racismo em Livros Didáticos*. BH, Autêntica.

Silva, Paulo V. B. *Racismo discursivo e avaliações do Programa Nacional de Livros Didáticos*. *Intermeio* (UFMS), v. 24, p. 6-29, 2007. <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2553/1790>

Silva, Paulo V. B. *Sobre a hermenêutica de profundidade e a análise da ideologia nos estudos do NEAB-UFPR*. (2018). In: Silva, Paulo V. B., Araujo, Débora C. e Santos, Wellington O. (Orgs.). *Racismo, discurso e educação: estratégias ideológicas*. Curitiba: NEAB, pp. 9-38. <http://www.sipad.ufpr.br/portal/livros/>

Silva, Paulo V. B. ; Teixeira, Rozana e Pacífico, Tânia M. (2013) *Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos*. *Educação e Pesquisa*, 39, 127-143. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100009>

Silva, Silvio. (2010) *A (in)existência de abordagem e representação do negro no livro didático de português*. *Domínios de Linguagem*, 4 (2) 19-32 2010. <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11535>.

Silva Filho, João B. (2005) *Os discursos verbais e iconográficos sobre os negros em livros didáticos de história*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85EQBH>

Soares, Edimara; Bordini, Santana. *Livros didáticos de ciências e a fabricação das identidades de gênero, sexualidade e etnia*. III Simpósio Internacional; VI Fórum Nacional de Educação. Torres, 2009.

Souza, Sidnei M. (2015) *Cultura(s) Africana(s) em livros didáticos de História: entre o discurso verbal e iconográfico*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil. <http://mestrados.uemg.br/ppgeduc-producao/dissertacoes-ppgeduc/category/118-2015?download=492:cultura-s-africana-s-em-livros-didaticos-de-historia-entre-o-discurso-verbal-e-iconografico>

Souza, Sidnei M. (2021) *Novas iconografias no livro didático de História: análise e recepção do racismo e antirracismo imagético por jovens do ensino médio*. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38155>

Souza, Cleonice F, (2010). *A representação étnico-racial do segmento social negro: livros didáticos de História*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil.

Teixeira, Rozana. (2006). *O papel da educação e da linguagem no processo de discriminação e atenuação do racismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3182>

Tonini, Ivaine M. (2020). Identidades étnicas: a produção de seus significados no livro didático de Geografia. In: *Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação* (ANPEd). *Anais...* Caxambu: ANPEd, 2001. <http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp1.htm#gt13>

Wathier, Luciane. (2008). A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos. *Urutágua*, 16. <https://doi.org/10.4025/revurut.v16i16.3574>